

VII

LEGENDA RAIMONDINA

atribuída a *Frei Pedro Raymond de Saint Romain*

(pouco depois de 1293)

Introdução: *Frei Henrique Pinto Rema, OFM*

Tradução: *Frei Fernando César Moutinho, OFM*

Título original:

VITA SANCTI PATRIS ANTONII DE PADUA
seu
LEGENDA RAYMUNDINA

Anonymo minorita Antoniani conventus auctore,
olim Petro Raymundi de Sancto Romano o. Min. ascripta
(paulo post 1293)

INTRODUÇÃO

Desta Legenda existe um único manuscrito, o manuscrito 74 da Biblioteca Antoniana de Pádua. O seu Autor é alguém que conhece por dentro e vive pessoalmente os ideais, os dramas, as alegrias, as glórias e as misérias da Ordem Franciscana, e foi testemunha presencial dos milagres acontecidos em 1293. No citado códice não aparece o nome, mas sim, numa passagem da Legenda Rigaldina, onde se deixa ler: “Porque os frades moradores “no Santo” não fazem caso da recolha dos milagres ali acontecidos no ano do Senhor de 1293, por causa da sua frequência, o Frei Pedro Raymond de Saint Romain, então professor em Pádua e depois Ministro na Província da Aquitânia, por devoção ao Santo, recolheu alguns milagres e tratou que fossem solenemente comprovados por testemunhas idóneas “perante o Bispo”.

Portanto, a Legenda Raimondina tira o nome do seu Autor, Frei Pedro Raymond de Saint Romain, um devoto de Santo António, um escritor que se orgulha de pertencer ao movimento minorítico, um conhecedor de teologia bíblica, dotado de viva imaginação, um homem de pena e já de idade madura. Possui sentido crítico, ao afirmar explicitamente que António tinha recebido a ordenação sacerdotal ainda na qualidade de Cónego Regrante de Santo Agostinho e que em Monte Paolo celebrava para a meia dúzia de irmãos leigos ali moradores.

Em Forli, aquando da sua revelação de pregador, há lá frades de passagem para o próximo Capítulo Provincial, celebrado no dia de S. Miguel, 29 de Setembro. Informa acerca da amizade com Tomás Galo, Abade de Santo André de Vercelli, e de diversos cargos de governo que exerceu até ao Capítulo Geral do Pentecostes de 1230. Não recorda nenhum milagre que tivesse feito em vida. António tinha 36 anos completos ao morrer a 13 de

Junho de 1231. Refere também a libertação da comuna de Pádua das tiranias de Ezzelino da Romano, em 1256, e o encontro da língua incorrupta, em 1263.

Josa, o primeiro editor da Raimondina, e De Kerval, além de outros antonianistas, acham que o Autor se inspira na Legenda Prima e é redigida num estilo enfático, mais literário do que histórico e que a única novidade é a de ter resolvido a questão de o Santo ter recebido o sacerdócio antes da chegada a Monte Paolo. Por seu lado, Vergilio Gamboso, que preparou a última edição crítica, publicada em latim e na tradução italiana, é mais maleável na sua apreciação, pondo em relevo as novidades do texto e as fontes múltiplas de que se terá servido para o efeito, a saber: Assidua, Officium Rhythmicum, Vita Secunda, Dyalogus, Opusculum Petri Raymundi, informações orais e escritas do ambiente paduano, testemunhos pessoais do Autor, Bíblia e Liturgia, textos patrísticos e agiografia sanfranciscana.

COMEÇA O PRÓLOGO DA VIDA DE S. ANTÓNIO DE PÁDUA

1. Ao escrever obras históricas que devam ser transmitidas ao conhecimento dos vindouros, facilmente se cometem erros, quer pela fragilidade da memória, quer pela carência de informações quer pela negligência da devida investigação, e assim o historiador cai em erro.

2. Deslizes destes aparecem tão numerosos em obras sacras e profanas que, para não fugir à brevidade, julgo supérflua, no presente trabalho, a tentativa de o demonstrar por meio de exemplos.

3. Não é caso para espanto, pois muitas vezes aconteceu a inteligências sagradas, iluminadas divinamente com o espírito profético, que, não considerando bastante poderosa a inspiração, apresentaram como oráculo celeste um vaticínio seu, até que, elevando os olhos ao céu, um raio divino lhes revelou a certeza da verdade.

4. Afirma tal coisa o Apóstolo quando diz: *se nalgum ponto sentis de outra maneira, Deus vos esclarecerá*¹.

5. Ao escrever a Vida de Santo António, obrigado pela obediência, confesso que descreverei certas coisas de modo diferente de alguns biógrafos que me precederam, tendo eu chegado à verdade dos factos graças à investigação segura e a testemunhos dignos de fé.

6. Este é o Santo António que, depois de ter vivido com toda a pureza sob a Regra do exímio doutor S. Agostinho, passou ao seguimento do Pai S. Francisco, então ainda vivo, convertendo, sob a direcção do Espírito, uma vida religiosa protegida pelo claustro num estado de pública edificação.

¹.Fil 3, 15.

7. Estava, com efeito, convencido de que era mais digno de Deus sair para o exterior, morar nas aldeias e converter os pecadores em vias de se perderem, do que negligenciar a salvação dos redimidos refestelado no leito da solidão, ainda que entregue aos prazeres santos.

8. Pois que a nossa capacidade de pensar vem do Senhor e toda a verdadeira interpretação deriva do primeiro Verbo, se disser alguma coisa de acertado, esta deve ser referida, não à minha glória, pois sou a pena do escritor, mas à do Autor.

9. Mas, se forem encontrados defeitos, quero que sejam postos na conta dos meus pecados, de modo a ser censurado com indulgência pelos especialistas, dado que reconheço as minhas limitações, e, pelo trabalho de concluir esta narração, não me seja negada a comunhão da oração fraterna.

TERMINA O PRÓLOGO

**I — COMEÇA A VIDA DE S. ANTÓNIO
DA ORDEM DOS FRADES MENORES**

CAPÍTULO I

Dos Frades Menores mártires em Marrocos

1. Naquele tempo da divina clemência, em que o bem-aventurado Francisco, semelhante a videira fecunda, adornou o jardim de toda a Igreja com flores de verdadeira glória, aconteceu que frades muito santos, notáveis por todas as perfeições, foram enviados, como cachos de uvas dignos da vinha, pelo mesmo pai, para proveito de todo o povo cristão.

2. Humanamente ignorantes, socialmente humildes e exíguos em número, converteram numerosos homens de elevada cultura e alta condição à disciplina da penitência evangélica quase em todos os quadrantes da cristandade.

3. Difundindo-se assim, os raios solares iluminam o mundo; desenvolvendo-se assim, os rebentos da vinha frutificam; assim os filhos da bênção contribuem para a honra dos pais, segundo a sentença do *Sábio*: *o justo que caminha na simplicidade deixará depois de si filhos felizes*².

4. Muitos destes filhos do santíssimo pai, que foi honrado com o singular privilégio dos estigmas, inflamados no ardentíssimo amor de Cristo, animados do zelo de propalar a fé aos infiéis, dirigindo-se às cidades sarracenas de Ceuta, Valência, Marrocos e muitas outras, depois de lhes terem anunciado Cristo Senhor, combatendo mui gloriosamente, conquistaram, a preço do martírio, um prémio triunfal.

5. Cinco destes frades, oriundos da Itália, constituíram as primícias e foram enviados pelo referido pai à Espanha com a finalidade de difundirem a Ordem.

6. Mostrando de que espírito eram, expuseram-se deliberadamente ao furor do rei de Marrocos, que perseguia com todas as suas forças o nome cristão. Anunciando aí intrepidamente a Cristo, depois de terem sofrido insultos e maus tratos, foram mortos à espada, permanecendo invictos no espírito; passando a fazer parte

²Prov. 20,7

dos espíritos celestes, brilharam depois com muitos prodígios e milagres.

7. Pedro, filho do ilustre rei de Portugal, transportou as suas veneráveis relíquias para a Espanha e fez saber a todas as províncias da Península com a voz da fama, quer pela evidência dos factos quer por asserções dignas de fé, que tinha sido libertado admiravelmente do cárcere do tirano pelos méritos dos Santos Mártires.

8. A magnífica notícia deste acontecimento acendeu uma centelha divina no peito de Santo António que, por meio duma vida santa e agradável a Deus, alcançou a perfeita vontade divina, estabelecendo o *seu edifício*, como diz o profeta, *no cimo da montanha*³, como o mostrará a série de acontecimentos que narraremos a seguir.

CAPÍTULO II

Do nascimento e infância de Santo António e como adolescente entrou na Ordem de S. Agostinho

1. Oriundo do reino de Portugal, da cidade de Lisboa, de família nobre, que vivia perto da porta ocidental da basílica da Santa Mãe de Deus, onde repousa o corpo do glorioso mártir S. Vicente, recebeu no santo baptismo o nome de Fernando.

2. Na mesma Igreja, os pais entregaram o menino aos officiantes do baptismo para lhe comunicarem os primeiros elementos do saber e, como previsão do futuro, convinha que ele fosse sincero amante da pureza junto da Virgem e atleta de Cristo junto do mártir de radiante vitória.

3. Decorridos os anos da infância na disciplina escolástica, cerca dos 15 anos, nos primórdios da idade mais robusta, começou a notar e a temer os perigos do mundo; com a espada do espírito dominou os assaltos impetuosos da concupiscência carnal, como se combatesse contra os Agarenos ou os Idumeus.

³Ez. 43,12

4. Sabendo que a juventude e o prazer estão sujeitos à vaidade, como jovem de boa índole, logo sujeitou o pescoço ao jugo de Cristo. De facto, imediatamente se transferiu para um mosteiro da Ordem de S. Agostinho, que se erguia junto dos muros da sua cidade, acima referida. Recebido o hábito daquela família religiosa, segundo as prescrições da Regra, aplicou-se a mortificar o corpo, quanto lho permitia a sua saúde.

5. Mas, porque os espíritos piedosos têm por pouco não seguir a concupiscência e sentem a necessidade de subtrair alguma coisa à carne para se dedicarem ao estudo das coisas divinas, o Santo, apercebendo-se de que os frequentes colóquios com os seus parentes carnis dificultavam o seu propósito, depois de cumpridos quase dois anos no mosteiro, deliberou cortar este laço da carne e, afastando os atractivos dos colóquios com os parentes, semelhantes aos cantos fascinantes das sereias, apressar-se com navegação mais tranquila em direcção à pátria.

6. Pegajosa é, com efeito, a fragilidade da mente humana, que facilmente se prende ao uso frequente das coisas agradáveis como está escrito: *Quem cai no peç fica manchado*⁴.

7. Manifestada ao superior do mosteiro a sua determinação, a custo obtém a permissão pedida de se transferir, por amor da almejada paz, para outro mosteiro da mesma Ordem e reino, a saber, Santa Cruz de Coimbra, distante três dias e mais de caminho da terra natal.

8. Chegando lá, quase rivalizando com Abraão ao afastar-se da sua terra e parentela e misticamente caminhando em direcção ao sul, logo se associou àquela santa comunidade com costumes puríssimos,

com o decoro da disciplina,

com o fervor da devoção

e, com o empenho religioso,

mostrou aos olhos de todos, com mais claridade do que a da luz, que a sua transferência de modo nenhum era efeito da inconstância do seu carácter.

⁴Ecl. 13,1.

9. Pois que ao carisma de Maria respeita a melhor parte, que consiste em ter a mente dia e noite afastada dos contágios terrenos e entregue à meditação das leis divinas, o homem santo, sob o impulso d'Aquele que faz a sua morada nas almas santas, entregou-se com todo o ardor ao estudo das Letras Sagradas.

10. O tempo que lhe sobrava das funções sagradas não o desperdiçava na ociosidade nem nas frivolidades, com indigna perda, mas ocupava-o nos trabalhos dos estudos sacros.

11. Sabia que o animal não ruminante é imundo ⁵e que só com o exercício do homem interior se afasta o perigo da ociosidade; com efeito, costumam os trabalhadores, quase alquebrados pelos trabalhos manuais, manifestar a lascívia do coração com a linguagem obscena. 12. O exercício corporal para bem pouco serve, enquanto a piedade, própria do homem interior, é útil para tudo, piedade que em grego se diz «theosebia».

13. Desprezados os labirintos jactanciosos da sabedoria humana, aos quais alguns se entregam, acumulando matéria do orgulho e atraindo a ira do Altíssimo, não só fixou na memória a narrativa do texto sagrado, como também penetrou profundamente os esconderijos alegóricos e anagógicos; investigou também as subtilezas das controvérsias, a fim de saber interpretar as regras da verdade e combater a perversidade dos erros, como o mostraram em seguida múltiplas provas da sua doutrina.

14. Mundificado no primeiro mosteiro a que foi chamado, iluminado no segundo, como dissemos, desejava ardentemente atingir o ápice da perfeição plena, a fim de ele próprio ser contado, segundo o Profeta ⁶, entre os habitantes dos gazofilácios e das galerias de três andares que sobressaíam da parte inferior e intermédia do edifício.

15. Com efeito, o Santo, instruído no primeiro mosteiro nos sacrifícios místicos, tinha oferecido a flor de farinha da pureza incontaminada; no segundo, o holocausto das aves, pela ardente busca da verdade; no terceiro, tinha oferecido em holocausto ao

⁵Lv 11, 26.

⁶Cf, Ez 42, 5-6.

Senhor a força do boi para renovar os sulcos espirituais, a simplicidade da ovelha e a espontânea submissão da cabra.

16. Desejando conhecer a via duma perfeição mais alta, mereceu que lhe fosse revelada pelo Senhor por meio dum sinal de que falaremos imediatamente.

CAPÍTULO III

Como entrou na Ordem dos Menores e mudou o nome

1. A fama dulcíssima do martírio glorioso dos referidos frades em Marrocos, que naquele tempo percorria com a suavidade da devoção todas as províncias da Espanha, penetrou com celeste energia nos ouvidos de Fernando e impeliu fortemente o seu ânimo a seguir-lhes o exemplo.

2. Desejava, pois, receber o hábito cruciforme dos Frades Menores a fim de que, a exemplo dos defuntos mártires, pudesse imitar com ele a Paixão de Cristo crucificado.

3. Esta profissão ia justamente de encontro quer ao desígnio divino a seu respeito quer ao seu santo propósito. 4. Na verdade, ao futuro distinto pregador convinha perfeitamente aquela Regra, que forma claramente tanto para a vida apostólica como para a pregação; está muito ajustada a quem sente o desejo do martírio, pois que ensina os homens experimentados e acabados que têm aspirações de evangelizar os infiéis.

5. Nada mais apropriado ao ofício do pregador nem mais conveniente ao martírio do que a doutrina que o Salvador estabeleceu para os discípulos anunciarem o Evangelho e sofrerem o martírio. 6. Ao enviá-los para ambas as aventuras, previne-os: *Não possuais ouro nem prata nem dinheiro nos cintos, nem alforje para o caminho nem duas túnicas nem calçado*. Pouco mais adiante ajunta: *Eis que vos envio como ovelhas para o meio dos lobos*⁷.

⁷Mt 10,9,16

7. O primeiro destes preceitos é o fundamento estável da santa Regra dos Frades Menores; o segundo é um nobre complemento, interpostas as normas que regulam o ofício da pregação.

8. Feliz é este Santo a quem a espada do perseguidor não aterrorizou, antes, com o estímulo da caridade, desafiou a desejar a morte, *a fim de que a glória das suas narinas fosse o terror*⁸.

9. Por disposição d'Aquele que prometeu acudir aos seus em todas as eventualidades, moravam naquele tempo perto de Coimbra, no lugar chamado S. Antão, os Frades Menores, falhos de ciência, mas vinculando-se em consciência, com todas as forças, às regras evangélicas; eram pregadores silenciosos mas brilhantes da vida evangélica, sem glosas adúlteradoras. 10. Eles, como verdadeiros pobres, eram mendicantes e viviam da caridade das pessoas, a exemplo d'Aquele que, no dizer de S. Jerónimo, se alimentava do que lhe ofereciam e que, como o comprova o Evangelho segundo S. Lucas, se sustentava corporalmente à custa das santas mulheres que o acompanhavam. Estes frades vinham assiduamente ao Mosteiro em que morava o homem de Deus, a pedir esmola.

11. Um dia, o santo fez-se ao encontro deles e manifestou-lhes o seu propósito de entrar na Ordem pelo desejo do martírio que o abrasava. 12. Eles, alegrando-se com desejo tão santo, combinaram o dia em que devia tomar o hábito da religião.

13. O servo de Cristo, firme no seu propósito, obtida a autorização do superior da comunidade, para cumprir a mais alta perfeição, no dia determinado foi revestido, no próprio Mosteiro, do hábito da religião pobrezinha. 14. Enquanto os frades, radiantes de alegria, estavam para regressar com o glorioso neófito da sua vida simples, um cônego da sua Igreja de S. Cruz, voltando-se para o santo homem com o coração repassado de amargura, exclamou talvez, em brado profético: *«vai, vai, que ainda hás-de ser um santo!»*. 15. Fernando virou-se para ele e, sem negar temerariamente a expressão nem presunçosamente a confirmar, sem se perturbar com o louvor e recusando o aplauso, mostrou a verdadeira

⁸Job 39,20

grandeza do coração com a humildade da resposta: «*Quando ouvires dizer que sou santo, louvarás o Senhor*».

16. Porque se chamava Santo António o lugar que oferecera ao santo homem ocasião de mudar de profissão religiosa e de vencer definitivamente o mundo, os irmãos, com aquela simplicidade que costuma dirigir seguramente os santos, impuseram-lhe o nome de António, como que para significar uma nova família espiritual ou exprimir um triunfo. 17. Acertadamente, pois, António parece significar etimologicamente «todo inclinado para as coisas dianteiras». Com efeito, desde a mais tenra infância não deixou de avançar para diante segundo a doutrina do Apóstolo.⁹ 18. Também pôde ser chamado António porque verberou a dureza dos corações mundanos com o trovão duma altíssima pregação.

CAPÍTULO IV

Como se passou a Marrocos e depois chegou à Itália

1. Solícito praticante da sua vocação, o santo homem conformou o seu procedimento com todas as forças à Regra e, para não se pavonear hipocritamente com o nome de Frade Menor, ele que *não aspirava às coisas altas*¹⁰ e escondia dos olhares humanos o tesouro do seu coração para não se expor à cobiça da Babilónia, como aconteceu outrora simbolicamente ao rei Ezequias¹¹, procurou entre os Menores ser o mais pequeno.

2. O Espírito, porém, impelia o seu coração para o zelo da pregação e para a sede do martírio; obtém a licença pedida de partir para a terra do povo sarraceno: *Avança contra os armados, ri-se do medo e não recua diante da espada*¹² 3. Mas, porque a um povo arrogante e obstinado por vezes é subtraído, por juízo

⁹Fil 3,13b

¹⁰Cf Rom 12,16

¹¹Cf 4 Rs, 20,12-17

¹²Job 39,21-22

divino, o ensino da verdade, querendo o Senhor reservá-lo para maiores benefícios da sua Igreja, opôs-se ao seu propósito, pelo que, tendo entrado na terra dos sarracenos, feriu-o, durante todo o inverno, com o tormento duma doença angustiante.

4. Assim ele, procurando a morte, não a encontrou, pois está escrito: *Emudecerás e não lhes dirigirás censuras, pois são uma raça de gente rebelde*¹³. 5. Vendo o Santo que a doença impossibilitava o seu santo intento, para suprimir o obstáculo da doença resolveu regressar à Espanha, com a finalidade de recuperar a saúde; depois de curado, teria a felicidade de realizar o seu desejo.

6. Tendo entrado para um navio com esta finalidade, por vontade d'Aquele a Quem o vento e o mar obedecem, afastando-se da Espanha com a cooperação do vento contrário, mas para o bem, como o mostrará a sequência dos acontecimentos, é levado para as costas da Sicília. 7. Tendo aí sabido que estava próxima a celebração do Capítulo Geral em Assis, fez força ao seu corpo debilitado e apressou-se a ir para lá como pôde, participando na celebração capitular. 8. Terminada aquela assembleia segundo o costume e destinados os frades aos diversos lugares e ofícios, só António, porque novo na ordem e desconhecido naquelas paragens, fiel aos valores da simplicidade, não foi requerido para nenhum ofício nem para prestar algum serviço especial em qualquer convento. 9. Naquele tempo de santa simplicidade, não estava estabelecido pelos estatutos da Ordem o número dos participantes no Capítulo Geral. 10. Ainda que tivesse preenchido os esconderijos do seu coração com um tesouro de sabedoria, desejava mais ser desprezado

do que ser valorizado,
 escondendo toda a graça
 sob um rosto humilde,
 não mendigando amizades humanas,
 não servindo a ninguém pelo aspecto,
 não forçando ninguém à familiaridade,
 o mais simples entre os simples,

¹³Ez 3,26

por todos era considerado ignorante e incapaz.

11. Oh! como é raríssimo entre os voláteis ocultar a pluma prateada com a palidez do ouro¹⁴. 12. Ou lançar ao lado do altar, no lugar destinado às cinzas, o papo e as plumas¹⁵, isto é, a ostentação duma linguagem culta com todas as preeminências da graça! 13. Além disso, como modelo da perfeitíssima vida religiosa, não lançando boatos ao vento nem ocupando a língua em conversas ociosas, sustido quase todo o dia pelo conforto da oração, de tal modo se encerrava dentro da cela, confiando só a Deus o seu progresso e aperfeiçoamento, que ignorava inteiramente os diferentes ofícios da Ordem: ministro, custódio e guardião.

CAPÍTULO V

Como chegou à Romagna e aí viveu de modo austero

1. Enquanto António permanecia edificadamente descuidado de si mesmo, a Providência celeste, que dirige o coração dos governantes, veio em auxílio e despertou a solicitude de Frei Graciano, ao tempo Ministro dos Frades na Romagna, o qual lhe perguntou se tinha recebido a ordenação sacerdotal. 2. Respondeu em breves palavras que era sacerdote, evitando com a concisão o perigo da loquacidade. 3. Naquele tempo, os sacerdotes eram raridade na Ordem, quer pela ignorância de muitos, quer pela humildade de alguns que recusavam o sacerdócio, procedendo como árvore que inicialmente lançasse raízes a grande profundidade e depois oferecesse seus frutos nas alturas.

4. Frei Graciano levou consigo para a Romagna o nobre sacerdote António, depois de o ter solicitado ao Ministro Geral da Ordem. 5. Após ter aí chegado, seis frades leigos que serviam o Senhor com muita simplicidade no eremitério de Monte Paolo,

¹⁴Cf Sl 67, 14

¹⁵Lv 1, 16

notando que de António irradiavam verdadeiros sinais de santidade, pediram-no com muita insistência ao referido Ministro para a celebração dos divinos mistérios e tiveram a felicidade de obter a satisfação do seu pedido. 6. Felizmente assim foi, pois a clemência divina favoreceu os desejos do santo homem, que sempre ansiara viver em lugares afastados da agitação; assim obteve, por celeste providência e sem diligência sua, o que a sua alma tanto desejava. Está escrito: *Levá-la-ei à solidão, onde lhe falarei ao coração*¹⁶.

7. Reconhecendo que é muito vantajoso retirar-se para o ermo, mas muito pernicioso não observar as suas regras, o homem santo, ao ver um dia uma cela construída por um frade numa gruta adequada aos suspiros da oração, pediu-a encarecidamente e obteve-a. Não a ocupou ociosamente ou por vanglória, muito se alegrando de aí ter encontrado um sepulcro para o espírito. 8. Refugiando-se aí, como em torre de David, depois da celebração quotidiana dos ofícios divinos, abandonou-se por completo aos amplos de Raquel; de tal modo mantinha o rosto fixo em Jerusalém que não tinha aí nem procurava o sustento do corpo; mas, depois de ouvir a sineta dos frades, descia para tomar com eles as coisas necessárias ao corpo, mas não já no santuário da sua cela.

9. Submetia o corpo à dureza de tão rigorosa abstinência, jejum a pão e água e vigílias que, detestando no alimento não menos o peso da quantidade do que os atractivos duma magnífica qualidade, ao vir ter com os frades, caminhava muitas vezes com passo cambaleante. 10. Sabia ser louvável aquela abstinência que, no duelo entre a carne e o espírito, prefere sublimar este com detrimento daquele do que, com falaz compaixão pela carne e com prudência carnal, robustecer o inimigo do espírito.

11. Com efeito, no holocausto das aves o sangue não corre para a base do altar a não ser que, rasgando o lugar do golpe, a cabeça seja apertada contra o pescoço, bastando que não seja completamente separada. 12. Assim como num corpo robusto e saudável, o espírito costuma ser mais fraco, assim também num corpo

¹⁶ Os 2, 14.

extenuado e enfraquecido a ascensão para as coisas divinas torna-se mais fácil. 13. O trabalho da mente aumenta talvez o cansaço do corpo. Que a meditação frequente provoca sofrimento do corpo, colhe-se do exemplo do *homem dos desejos*¹⁷, que, após a visão dos segredos celestes, desunidas as juntas, afirma que ficou sem forças nenhuma.

14. Assim revigorado intimamente o espírito, o homem de Deus começou a olhar à volta e a ponderar o comportamento dos frades que subiam e desciam pela escada de Jacob e ora repousavam com Maria ora serviam solícitamente com Marta. 15. Em vista disto, começou a sentir-se deveras envergonhado e a censurar-se a si mesmo pelo facto de receber serviços penosos dos frades, sem lhes dar nada de semelhante em troca.

16. Na finalidade de construir uma escada para coisas elevadas, escada reforçada com os varais da austeridade e da humildade ou desprezo de si mesmo e os degraus do exercício quotidiano, pediu ao guardião, de joelhos, que lhe fossem confiados os encargos de lavar os utensílios da cozinha, os pratos e o de manter asseada a habitação. 17. Sabia que a soberba era confundida com a humildade espontânea e que o trabalho assíduo domava a insolência do corpo.

18. Entregue aos encargos que lhe confiavam, exercia-os com zelo incansável e devoto, quanto mais se humilhava exteriormente, tanto mais intensa e interiormente se gloriava no Senhor. 19. Cumpridos com perfeição tais serviços todos os dias, impelido pelo peso do amor de Cristo, sempre voltava, com o impulso do Espírito, à sua *cela vinária*¹⁸, sabendo que os peixes são imundos, excepto aqueles que, munidos de barbatanas, saltam por cima das águas, e que é próprio dos animais ferosos associar um retorno rápido ao ritmo do andamento.

¹⁷ Cf Dan 9,23; 10,11,19

¹⁸ Cant 2,4

CAPÍTULO VI

Como em Forli se manifestou a sua grande ciência

1. Querendo o Senhor exaltar no candelabro a lanterna que tinha acendido, fez que a sabedoria de António fosse manifestada em circunstâncias admiráveis acima de toda a medida e entendimento humano. 2. Aconteceu, com efeito, que, passado muito tempo, os Frades, procedentes de diversos lugares, se reuniram na cidade de Forli por dois motivos: para receberem as ordens sacras e para, em seguida, participarem no iminente Capítulo Provincial. 3. Entre um grande número de frades, a que se associaram alguns da Ordem dos Pregadores, esteve também presente Santo António, sempre fiel à sua regra de simplicidade.

4. Finalmente reunidos os Frades, segundo o costume, à hora da conferência, o Ministro do lugar, por um sentimento de atenção, começou a pedir aos Frades Pregadores para que um deles anunciasse aos presentes a palavra de Cristo em forma de exortação.

5. Como eles, com todos os demais, por disposição de Deus, declarassem que não estavam preparados, o Ministro, sob o impulso do Senhor, mandou a Santo António que pronunciasse a conferência e se deixasse guiar por tudo quanto o Senhor lhe inspirasse.

6. O Ministro ainda não tinha percebido no homem santo nenhuns sinais de instrução, a não ser que por vezes o tinha ouvido falar latim quando a necessidade o requeria. 7. Ele, a exemplo de Moisés, Jeremias e outros profetas, resistiu com todas as forças, temendo que, escancarado o santuário da simplicidade, entrasse o adversário, que estava de espreita à porta, a saber, a arrogância da vanglória.

8. Finalmente, em consequência dos brados de todos, começou a falar com simplicidade; semelhante a uma fornalha superaquecida, pronta para o trabalho, quanto mais tempo esteve fechado tanto mais fortemente irrompeu para abrasar os corações de todos.

9. Resumiu em breve sermão mistérios tão grandes e luminosos, com tão poderosa força o Espírito gravou aquelas palavras nos

corações que não era manifesto o que mais se devia admirar no servo de Deus:

se a profundidade da sabedoria,
se o fervor da devoção
ou se a comprovada humildade da santidade.

10. Mais ainda, o poder da memória, que não tinha necessidade de livros, e aquela pregação improvisada e absolutamente inesperada, mas de tão alta perfeição, mostravam que o dedo de Deus tinha gravado nas tábuas do coração de António a plenitude da ciência.

11. Conhecido este acontecimento, António é obrigado a deixar o eremitério por intervenção d'Aquele que sabe fazer brotar as águas no deserto e transformar o deserto em Carmelo, isto é, repleto de frutos da ciência. 12. Torna-se, pois, digno ministro do Evangelho aquele que, alicerçado primeiramente na vida evangélica, a fim de que o superumeral precedesse o peitoral, honrava o Evangelho com o silêncio humilde, até que, contra vontade, foi eleito doutor da verdade.

13. Deste modo, as varas das videiras, podadas, dão melhor fruto; assim germinam as sementes enterradas no solo estrumado; assim, com o auxílio do fio de prumo do pedreiro, são puxadas para fora as pedras reentrantes na parede e batidas para dentro com o martelo as salientes.

14. Oh! pregador eminente, cuja vida foi ilustrada pela humildade espontânea, pela sincera simplicidade e pela íntegra disciplina!

15. A sua doutrina era animada pelo zelo do amor, pela verdade impávida e pela discreta modéstia, a ponto de ser como um querubim cheio de olhos de todos os lados¹⁹ e de brilhar como um candelabro formado de três braços de um lado e três do outro²⁰.

¹⁹Ap 4,6

²⁰Ex 25,31-32

CAPÍTULO VII

Da sua pregação e da conversão dos hereges

1. Tendo recebido o ministério da pregação, a exemplo do Senhor Salvador, percorria as cidades e castelos, aldeias e campos; não à procura de dinheiro ou de almoços, à maneira dos agapetas, mas propondo a todos as palavras da vida com muita abundância e grande fervor.

2. Os mais velhos admiravam no homem santo a sabedoria e o dom da eloquência, enquanto parecia modelar imagens de ouro listradas de prata. 3. Todos admiravam a maneira como desarmava as armadilhas do pecado, enquanto perfurava com ganchos as narinas do inimigo²¹ e rasgava Leviatã membro a membro²².

4. Cada um admirava os sermões públicos do Santo a todos dirigidos, sermões semelhantes a tecidos multicolores, que repreendiam a cada um os próprios vícios, enquanto na sua mão o gládio da palavra, dividindo as juntas e as medulas, discernia pensamentos e intenções. 5. Admiravam também o homem de Deus a cravar com a sua palavra inflamada, como que dardos de fogo, nos corações de todos.

6. Não se dobrava à acepção de pessoas importantes, não o corrompia nenhuma esperança de dádivas, para não haver mistura de mel ou fermento no sacrifício do Senhor, contra o preceito da Lei²³. 7. Mas, como um verdadeiro Medo, não buscando a prata e desprezando o ouro, dobrava os obstinados, fortalecia os pusilânimes e arrancava dos peitos os que sugavam o leite das delícias, aplicando-lhes os golpes das setas espirituais. 8. Não há dúvida: nenhum medo podia embotar a espada do espírito daquele que, por amor de Cristo, ardentemente desejava beber o cálice da Paixão.

9. Na sua solicitude pela proclamação da palavra, veio finalmente a Rimini e observou naquele tempo uma grande subversão por causa da depravação herética. 10. Tendo reunido logo os cida-

²¹Job 40,19

²²Job 40,20,25

²³Cf Dt 16, 19; Cf Lv 2, 11

dãos, começou a colher nas redes da pregação as raposas destruidoras da vinha e a descobrir os enganos dos hereges desatinados com tal evidência que, edificando fortemente o povo, uma grande parte dos transviados aderiu desde então lealmente ao Senhor.

11. Entre eles, encontrava-se um heresiarca, de nome Bononillo, que durante trinta anos tinha insurgido a cabeça insensata e a cerviz obstinada contra a fé católica. Pelos méritos e ensinamentos do Santo, aceitou humildemente a penitência e desde então obedeceu indefectivelmente à Santa Igreja Romana. 12. Assim, pois, *o menino desmamado meteu a mão na caverna da serpente*²⁴.

CAPÍTULO VIII

Da sua fama e da eficácia da sua pregação

1. Aconteceu que depois o homem santo foi enviado à Cúria Romana por causa de problemas internos da Ordem. 2. Assim como o coração do rei está na mão do Senhor, que o dirige para onde lhe aprouver²⁵, assim também o Santo, por divina disposição, foi recebido pelo Sumo Pontífice e pelo venerável colégio dos cardeais com tão grandes demonstrações de apreço que a sua pregação foi acolhida favoravelmente por todos. 3. Na verdade, sabia explicar com palavras simples os temas mais difíceis, como talhando em fios as lâminas de ouro, e trazia à luz coisas tão profundas que, semelhante à arca das Escrituras que encerrava a lei divina, foi chamado «Arca do Testamento» pelo supremo Príncipe da Igreja.

4. Era, com efeito, versadíssimo nos discursos místicos; condiscípulo de Frei João Marsh, o homem mais erudito do século, tomou conhecimento com ele dos livros super-humanos de S. Dionísio. 5. Com mais forte vigor do que ele, pôde captar aquela deficiente doutrina, segundo a opinião do mestre comum deles, o abade de

²⁴Cf Is 11, 18

²⁵Prov 21,1

Vercelli. E omito agora os louvores expressos por este, pois que brilham em todas as suas sapientíssimas obras.

6. Sendo tão evidente a insigne sabedoria do bem-aventurado Ant3nio, levaram-no a ensin3-la publicamente aos Frades e a outros. 7. Foi o primeiro a exercer na Ordem o cargo de Mestre de Teologia, formando e confirmando assim o estudo e o aproveitamento das gera33es seguintes.

8. Trabalhando como *destemido soldado de Cristo*²⁶, Ant3nio percorreu in3meras prov3ncias e, falando de modo admir3vel a linguagem do povo, exprimia-se aos estrangeiros com tal clareza que a sua prega33o era compreendida por todos, como se falasse ao mesmo tempo muitas l3guas diferentes.

9. Os irm3os devem ter na mem3ria principalmente isto: que o Santo, cheio de reconhecimento e tomado de sincero zelo pela honra da sua Ordem religiosa, quando ouvia dizer que a simplicidade dos Frades era desprezada ou molestada pelos advers3rios, sem olhar ao seu bem-estar corporal e para *n3o esquecer os gemidos de sua m3e*²⁷, logo oferecia aos irm3os ofendidos o refrig3rio da sua presen3a. 10. Assim, com prud3ncia de serpente destru3a por toda a parte as fauces caninas dos invejosos; e o Santo pobre e humilde, refutando com sabedoria os soberbos, os mentirosos e os zombadores, que atacavam a cidade do Senhor, devolvia a tranquilidade aos cidad3os. 11. Sofrendo no cora33o o desacato feito aos irm3os, confortava-os com os encantos da sua sabedoria, imitando assim a crist3fera e de3fera Virgem que, compadecendo-se da vergonha daqueles que ofereciam o banquete, solicitou ao Filho excelente e abundante vinho.

12. Certo dia, aconteceu que o homem de Deus tomou parte no Cap3tulo Provincial celebrado na Proven3a e a3 pregou com melodiosas palavras sobre o triunfal t3tulo da cruz do Senhor e

²⁶Cf 2Tim. 2,3

²⁷Eccli 7,29

sobre a Paixão do doce Jesus. 13. Foi então que o Santo Pai Francisco, naquele tempo ainda vivo, mas morando noutra região muito distante dali, se apresentou levantado da terra, no lugar do referido Capítulo, com uma estupenda forma de milagre. 14. Pois, como que se congratulando com o êxito do homem de Deus, mostrou-se à vista de um dos participantes como se tivesse os braços estendidos no patíbulo da cruz; e, abençoando os filhos presentes, traçou sobre eles o sinal da cruz.

CAPÍTULO IX

Como veio a Pádua e aí escreveu e pregou e da perseguição diabólica

1. O Santo, semelhante a um vaso maciço de ouro, útil para toda a boa obra, não só exercia o ofício de doutor e de pregador, mas também trabalhou, por diversas vezes, no governo dos Frades; 2. até que, no tempo da trasladação de S. Francisco, no Capítulo Geral, um ano antes da sua morte, foi dispensado destas preocupações e recebeu do Ministro Geral a liberdade geral da pregação.

3. Não querendo manter escondido e inútil o talento a si confiado, dirigiu os passos para Pádua, onde, pela experimentada devoção do povo — de facto aqui tinha permanecido noutras ocasiões — julgava que a sua palavra seria mais bem acolhida. 4. Chegando aí, onde tinha redigido noutra ocasião os *Sermões Dominicais*, resolveu escrever, a pedido do Senhor Bispo de Óstia, os *Sermões* apropriados para as *Solenidades dos Santos* que decorrem durante o ano.

5. Para realizar este trabalho, resolveu pôr de lado, no inverno seguinte, por algum tempo, o cuidado da pregação, a fim de que ele próprio como fruto duradouro daquele trabalho, pudesse pregar em muitas línguas, a inumeráveis ouvidos, durante longo tempo.

6. Se, porém, aqueles sermões se tornarem insípidos a algum estômago enjoado ou espírito ávido do saber, saiba este, com certeza absoluta, que um pergaminho coberto de tinta não pode equipa-

rar-se à pena do Espírito Santo, que escreve nas tábuas do coração. 7. Assim como, quando se dá a espada, não se transmite o vigor do dante, assim também, ainda que a pena possa descrever um santo pensamento, nem o pergaminho morto nem o homem animal recebem a virtude do ânimo de quem escreve, e o maná torna-se insípido aos ímpios.

8. Ao chegar o tempo da Quaresma, o Santo resolveu pôr de lado o trabalho da pena para reanimar o povo esfomeado com o alimento da palavra, pregando durante quarenta dias contínuos.

9. Com quanto fervor e zelo procurava o proveito das almas, demonstra-o a maravilhosa abnegação do homem de Deus. 10. Ainda que fosse de natural corpulência pesada e, além disso, sofresse de hidropisia, no entanto, consagrava o dia inteiro aos officios divinos, quer pregando, quer ensinando, quer ouvindo confissões; jejuava muitas vezes até ao pôr do sol, *como homem que vai para o seu trabalho até ao anoitecer*²⁸.

11. Mas, porque o inimigo do género humano sumamente inveja a salvação das almas, empenhava-se o Maligno em eliminar fisicamente o homem santo. 12. Certa noite, no princípio da Quaresma, tendo-se deitado para descansar o fatigado corpo, eis que se apresenta o pérfido satanás, que aperta com força o delicado pescoço do homem santo, com a finalidade de estrangular aquela garganta que, para confusão do Maligno, oferecia a beber assiduamente um excelente vinho ao povo sequioso. 13. Mas o Santo, a quem a fé tornava mais forte do que ao inimigo, invocando imediatamente o nome da Virgem gloriosa, a quem compete esmagar a cabeça do ímpio, traçou sobre a fronte o sinal da cruz e assim expulsou o adversário aterrorizado. 14. Abrindo os olhos para ver o malvado em fuga, contemplou toda a cela em que repousava alumada com luzes celestes, 15. em razão, certamente, de ter invocado o nome d'Aquela que, revestida dos esplendores solares, traz à volta da cabeça um diadema de estrelas²⁹ e cujo nome irra-

²⁸Sl 103,23

²⁹Cf Ap. 12,1

dia como óleo derramado ³⁰, a cujo aspecto o jugo do ímpio se quebrou ³¹ e com sua luz dispersou os filhos das trevas ³².

CAPÍTULO X

Da devoção dos Paduanos e dos admiráveis frutos da sua pregação

1. Convém explicar melhor de que modo o Santo dirigiu a referida Quaresma dedicada ao ministério da palavra. 2. Acorrendo o povo em multidão inumerável de toda a parte para ouvir o homem santo, começou a organizar reuniões todos os dias nas diversas igrejas da cidade. 3. Mas, como a multidão dos que acorriam superava incomparavelmente a capacidade das igrejas, o Santo transferiu-se para os lugares espaçosos dos campos, a fim de que, saindo para o campo com o Profeta, pudesse contemplar aí a glória de Deus ³³. 4. Conhecida a notícia, das cidades vizinhas, castelos e aldeias, confluíam aos grupos uma multidão numerosa de pessoas de ambos os sexos para ouvir a palavra de Cristo do melífluo discurso do homem santo. 5. Altas horas, nas trevas da noite, com os archotes acesos, procuravam antecipar-se uns aos outros, apressando o passo para alcançarem o lugar onde se encontrava o homem santo, como se fosse um oráculo celeste.

6. Caminhavam os velhos ao desafio, arrastavam-se os inválidos, apressavam-se as delicadas e nobres mulheres, e aqueles que noutras ocasiões mal se tinham de pé, corriam agora sem incómodo para o encontro com o pregador. 7. Aí, recusando todo o vão requinte no vestir, mesmo as pessoas mais delicadas de um e outro sexo permaneciam atentas, escutando muito tranquilamente a palavra até ao fim. 8. Aí, os mais versados deleitavam-se com as palavras simples do Evangelho, como leões que comessem palha como bois ³⁴.

³⁰Cf Cant 1, 3.

³¹Is 10,27

³²Jo 1,5 — 1 Tes 5,5

³³Ez 3,23

³⁴Cf Is. 11,7

9. Escutavam o sermão com tão grande avidez que, no meio de muitos milhares de pessoas que o seguiam, dificilmente se ouvia qualquer ruído enquanto falava. 10. Além disso, os comerciantes, fechadas as lojas, com as praças desertas, não vendiam nem mesmo ousavam vender absolutamente nada, até que cada um voltasse a casa depois do sermão.

11. Também o reverendo Bispo de Pádua, seguindo devotamente o servo de Deus, António, com o seu exemplo se fez modelo do rebanho, conduzindo-o às pastagens férteis e às fontes das águas vivas ³⁵. 12. Assim, pois, se renovou, de certo modo, no servo aquilo que lemos ter acontecido de modo sublime no Senhor, que, encontrando-se numa localidade campestre, ficou rodeado do grupo de discípulos e duma grande multidão proveniente de todas as partes da Judeia, de Jerusalém, da zona marítima, de Tiro e Sídon, vindos para o escutar e ser curados das suas enfermidades.

13. Conquanto o nosso Santo não tivesse ainda brilhado em toda a parte com milagres corporais, todavia glorificava a majestade do Senhor com prodígios mais poderosos. 14. Com a eficácia da sua pregação, de facto, reconciliaram-se os desavindos,

para que o lobo e o cordeiro habitassem juntamente;

os prisioneiros foram postos em liberdade,

para que a sua pregação levasse o perdão aos cativos;

15. os usurários e ladrões foram persuadidos à restituição,

para que o vitelo, o leão e a ovelha pastassem juntos;

os escandalosos de um e outro sexo foram chamados à penitência,

para que o gládio atingisse a divisão da carne e do espírito;

16. e tantos outros que se arrependeram com a sua pregação, de tal sorte que nem os frades nem os outros sacerdotes, que em grande número seguiam o Santo, eram suficientes para ouvir as confissões dos penitentes. 17. Como está escrito: *Não haverá dano nem destruição em todo o meu monte santo porque a terra está cheia da ciência do Senhor* ³⁶.

³⁵Ap 7,17

³⁶Is 11,9

18. Passando os dias do jejum quaresmal no alimento dos outros, preparou com as suas fadigas uma messe agradável ao Senhor. 19. A admirável devoção de todo o povo tinha já, com razão, tal confiança nos seus méritos que, se alguém conseguisse cortar uma tira da sua túnica, sentir-se-ia feliz por possuir não pequena e humilde relíquia. 20. Se alguém podia falar-lhe ou tocá-lo, julgava receber um favor excepcional.

CAPÍTULO XI

Da cela colocada sobre a noqueira e como predisse a glória de Pádua

1. Terminado o trabalho quaresmal, António exercia o ofício da pregação nos tempos oportunos, como convinha, até que, branquejando já as searas, em atenção ao bem público, deixava o povo livre para colher os frutos. 2. Entretanto, o discípulo daquele murmúrio que não é ouvido na agitação retirou-se para o ermo, fugindo à multidão, cuja conversação o tinha fatigado, para o lugar chamado Camposampiero.

3. Aí, num bosque vizinho da morada dos frades, obteve que um nobre, amigo da Ordem, lhe preparasse, com as suas dignas mãos, uma cela de esteiras sobre uma noqueira de grandes ramos, como que à procura de frutos no jardim das noqueiras³⁷. 4. Assim se lê de muitos santos, que escolheram lugares elevados e afastados da terra, a fim de que a mesma condição do lugar os movesse a aproximarem-se do céu.

5. Para inculcar esta doutrina, o Salvador ensinava, orava e pernoitava nos montes. 6. Instruído sobre este ponto, Francisco recebeu no monte os estigmas gloriosos como prémio de incessantes orações. 7. Nesta cela, o homem devotíssimo a Deus dispôs dia e noite, em seu coração, as ascensões: escolheu no alto da árvore como que uma força mística, não tendo voluntariamente mais espe-

³⁷Cf Cant. 6, 11.

rança desta vida, e sempre estava deseioso de morrer para iniciar felizmente a vida imortal.

8. Por isso, conheceu antecipadamente o momento da sua felicíssima morte, com a qual satisfaria as dívidas ao Criador.

9. Cerca de quinze dias antes que grave enfermidade destruísse a sua morada terrestre, encontrando-se numa colina sobranceira a Pádua, engrandecia a posição da cidade com muitos encómios, afirmando que dentro de breve tempo seria divinamente enaltecida com grandes honras. 10. Ainda que o humilde santo tenha preferido ocultar esta glorificação, contudo a evidência dos factos ensina a compreendê-la no seu vaticínio:

a deposição em Pádua do seu corpo glorioso,

o patrocínio do homem santo,

a ilustração dos milagres e a confluência do povo, ainda habitando em lugar distante, para a cidade celebrizada pelas relíquias do santo.

CAPÍTULO XII

Do glorioso trânsito do bem-aventurado António

1. O santo, frequentador assíduo da referida cela na nogueira, um dia, ao chamamento da campainha, tendo descido para junto dos frades à hora do almoço, foi acometido de doença enquanto almoçava e levantou-se da mesa. 2. Não querendo ser gravoso para aqueles poucos frades e ainda por disposição do Altíssimo para que aquela nobre cidade não fosse privada do sagrado corpo do moribundo, o enfermo, deitado num carro, foi conduzido a Pádua.

3. Aproximava-se o santo confessor da cidade quando apareceram dois frades famosos que moravam perto do Mosteiro das Senhoras Pobres de Arcella, às quais ministravam os serviços religiosos, segundo o costume da Ordem. 4. Como vissem o Santo gravemente doente, suplicaram-lhe que se dirigisse para Arcella, onde encontraria maior sossego do que no convento dos frades

situado na cidade. 5. Concordando o Santo com as suas persuasivas razões, refugiou-se em Arcella com os confrades.

6. Imediatamente se agravou a sua enfermidade, como o demonstravam sinais de grave sufocação. 7. Tendo repousado por breve tempo, confessou-se e recebeu a absolvição. Logo começou a recitar o hino da bem-aventurada Virgem, que começa assim:

Oh! gloriosa Senhora...

E, permanecendo algum tempo com os olhos fixos no céu, de modo invisível e intelectual contemplou-o aberto. 8. Quando o frade que o segurava lhe perguntou o que via, respondeu: «*Vejo o meu Senhor*». 9. Mercedamente viu Aquele que já estava batendo à porta e o convidava a tomar parte no banquete eterno.

10. A gravidade da doença era sintoma seguro da iminente e feliz partida da sua alma, pelo que os frades decidiram ungi-lo com o óleo da Santa Unção. 11. Se bem que o homem santo já estivesse embebido duma unção invisível, recebeu com a devida reverência o sacramento pedido. A seguir, com as palmas juntas e as mãos estendidas, cantou até ao fim, juntamente com os frades, os salmos penitenciais. 12. *Cantarei ao meu Deus, diz o salmista, enquanto viver*³⁸. 13. Depois de uma agonia de quase meia hora, a sua alma santíssima, liberta do cárcere do corpo, passou para a Jerusalém do alto eternamente livre, para a região repleta de delícias.

14. O seu corpo tinha o aspecto de pessoa adormecida; as mãos, esbranquiçadas, superavam a beleza da cor primitiva. 15. Os membros do corpo, privados da rigidez, que habitualmente segue a morte, mantinham-se flexíveis à vontade de quem lhe tocava.

16. Ó felicíssimo atleta de Cristo,
que, esmagando as ciladas do mundo,
segundo os ditames evangélicos,
nunca atrasando, nunca afrouxando,

³⁸SI 145, 2

com corrida infatigável e caminho recto,
começando por debaixo, atingiu os cumes supremos e,
tornado perfeito com a idade de trinta e seis anos, em
velocíssima corrida, viveu uma longa vida³⁹.

17. Ó glorioso portador do nome divino,
que, não obstante não ter sido elevado à dignidade eclesiástica

— que muitas vezes é conferida a indignos —
foi na eternidade magnificamente honrado
com a substância e o fruto do título,
com indizível proveito das almas!

18. Ó santíssimo discípulo da santa simplicidade,
o qual, embora preferindo ocultar-se a si mesmo
e as suas obras, ao aplauso humano,
todavia, por disposição d'Aquele que tudo governa,
foi compelido a irradiar ao longe.

19. Ó santíssimo renegador de si mesmo
e portador da cruz do Senhor,
segundo os ditames do Evangelho,
o qual, ainda que arrancado contra vontade à espada dos
infiéis,

não obstante com o seu ardente desejo da morte,
com a sua espontânea oblação,
com as dificuldades dum trabalho prolongado,
com a tolerância viril das doenças,
com o ardor do zelo,

20. com a incessante solicitude,
com o crisol da pobreza,
com o silêncio da solidão,
com o triunfo da renúncia,
com o perigo dos mares e dos caminhos,
com um testemunho quase múltiplice
soube contrabalançar, em certo modo,

³⁹Sab 4, 13

as feridas corporais e a morte violenta.

21. Com efeito, não é digna de menor louvor a palma de Cades, sobressaindo com santidade tão múltíplice, do que uma plantação de rosas de Jericó⁴⁰, isto é, o martírio rubro desabrochado da nossa natureza mortal.

22. Eis que foram evocadas poucas coisas da vida do Santo, tendo agora a clemência de Deus revelado algumas que a humildade do Santo procurou ocultar a todo o olhar humano. 23. Quantas grandezas, de facto, pensamos que terá ele ocultado aos olhos humanos, ele que por tanto tempo escondeu o tesouro da sua sabedoria, ele que tanto ambicionava viver na solidão e furtar-se aos mortais!

24. Morreu o homem santo no ano do Senhor de 1231, no mês de Junho, numa sexta-feira, sob o império de nosso Senhor Jesus Cristo, a Quem é devida a honra e a glória pelos séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO XIII

Da trasladação solene do corpo do bem-aventurado António

1. Tendo os frades ocultado cuidadosamente o passamento do homem santo, a fim de que a pequena habitação não fosse sujeita à invasão popular, por inspiração d'Aquele que torna eloquentes as línguas das crianças⁴¹ e que queria entusiasmar o povo devoto a honrar o Santo, as crianças, em grupos, gritavam através da cidade «*Morreu o padre santo, morreu Santo António!*». 2. A este anúncio, subitamente de todos os lados da cidade acorreram os cidadãos, quer os notáveis, que sacudiram a ociosidade, quer a gente humilde, que deixou o seu trabalho; todos lamentavam profundamente a morte do santo. 3. Alguns, porém, regozijavam-se com aquela morte, dizendo que não devia ser chorado quem, com a sua

⁴⁰Eccli,24,18

⁴¹Sab 10,21

santidade manifesta, tinha merecido juntar-se aos cidadãos celestes com a sua morte preciosa.

4. Pois que um sepulcro glorioso é um tesouro desejável e as relíquias dum homem santo constituem o escudo duma grande protecção, subitamente se operou uma divisão no povo: uns, favorecendo as Senhoras Pobres, queriam que o seu corpo ficasse enterrado junto delas; outros eram de opinião que o sagrado corpo fosse levado imediatamente para a Igreja de Santa Mãe de Deus, no eremitério dos Frades, na parte austral da cidade, para aí ser sepultado. 5. Com efeito, o Santo, enquanto viveu, preferiu para sua morada este lugar a todos os outros e, debatendo-se já com a última enfermidade, recomendou para ser aí sepultado.

6. A rivalidade do povo dividido não só se manifestava na guerra de palavras, mas também no aparecimento, aqui e ali, de uma multidão de pessoas armadas umas contra as outras, com turbulência e obstinação. 7. Porém, por disposição d'Aquele que é a nossa paz, da divergência deles surgiu esta vantagem: alguns dos desordeiros que alinhavam por uma parte contra a outra e que antes estavam mortalmente desavindos por antigo ódio e guerra civil, por ocasião desta pia e concorde divergência contra os outros, encontraram-se unidos pelo vínculo da aliança e da paz e, como pranchas que encaixam dos lados opostos, conjugaram-se entre eles.

8. Outro acontecimento se deu naquela noite — coisa admirável de dizer! Com efeito, quando os frades que permaneciam na habitação se recolhiam ao crepúsculo vespertino depois de fechadas as portas, como era costume, eis que chegou uma multidão ardente de entusiasmo que quebrou por três vezes numa só noite os ferrolhos e abriu com violência as portas, no desejo de verem ou tocarem o corpo santo. 9. Mas, por disposição de Deus, como eles publicamente confessaram mais tarde, escancaradas as portas com violência, ficaram do lado de fora estupefactos e, se bem que a casa estivesse cheia de luz, com os olhos bem abertos não conseguiam ver a entrada.

10. Despontando a manhã, rebentou um tumulto impressionante e toda a cidade foi posta em alvoroço. 11. Aqueles que eram partidários das Senhoras Pobres destruíram a ponte e despedaçaram as barcas em que o corpo santo devia ser transportado; os outros, pelo contrário, preparavam ameaçadora batalha e chacina para se apoderar do corpo. 12. Finalmente, depois de muitas e insistentes preces terem sido elevadas pelos frades ao altar celeste, Deus pôs termo à desavença por meio da autoridade municipal.

13. Acordado, por fim, que o corpo fosse transportado para a referida igreja da Virgem gloriosa, o Bispo reuniu-se em Arcella com o clero e inumerável multidão de fiéis. 14. O corpo é transportado solenemente com uma infinidade de luminárias e outras galas de solenidade, e é sepultado honorificamente em lugar condigno ao quinto dia da sua morte.

15. Tendo repousado aí cerca de trinta anos, foi aberto o sepulcro por motivo da trasladação, pelo reverendíssimo padre frei Boaventura, Ministro Geral e, depois, Bispo de Albano. 16. Enquanto a carne se tinha desfeito em pó, semelhante a areia, a língua do Santo, que tinha sido trombeta de Cristo e órgão do Espírito Santo e esteio de bronze do Tabernáculo, foi encontrada íntegra e fresca, parecendo antes pertencer a um homem vivo.

17. Exulte, pois, a santa Madre Igreja, fortalecida pela doutrina e méritos de tão grande defensor!

18. Alegre-se a Ordem pobrezinha, sacudida pela tempestade, mas fortalecida pela participação de tão grande padre!

19. Anime-se o ensino dos doutores, mormente dos pobres de Cristo, iniciado com tal mestre!

20. Regozije-se o zelo dos pregadores, que se esforçam por imitar a vida e a doutrina deste homem santo!

21. Exulte a católica cidade de Pádua, por ele iluminada, em vida e na morte, com tantos benefícios!

22. Esta cidade, passados que foram alguns anos, foi atribulada pelo crudelíssimo tirano Ezzelino, mas na oitava da solenidade do bem-aventurado António, sem dúvida graças aos seus mere-

cimentos, foi libertada do furor deste pérfido tirano, em 1256, no dia 20 de Junho. 23. E até hoje a cidade tem celebrado, todos os anos, a memória deste acontecimento com imensa alegria.

CAPÍTULO XIV

Da magnífica canonização do bem-aventurado António

1. Aumentando o número dos milagres, a multidão do clero e do povo reclama que a canonização de Santo António confessor seja feita pela Cúria com a devida presteza. 2. O Bispo com o clero, o governador e os cidadãos, tendo deliberado, em assembleia, menos de um mês após a morte do homem santo, enviam à Cúria ilustres mensageiros para tratarem do referido assunto. 3. Recebidos honrosamente pelo Senhor Papa Gregório IX, com o parecer unânime dos seus irmãos cardeais, o exame dos milagres é entregue ao Bispo de Pádua e aos priores de S. Bento e dos Frades Pregadores.

4. Verificada a certeza irrecusável dos mesmos e comunicada à Cúria Romana, alguns cardeais, homens de vida íntegra e revestidos de prudência, opuseram-se à aceleração de um processo tão importante, pois nem sequer tinha decorrido um ano inteiro após a morte do Santo. 5. Mas Aquele que tudo governa e que glorifica os seus santos com honra e louvor, logo removeu este impedimento com celeste prodígio.

6. Um destes cardeais viu em sonhos o Senhor Papa, paramentado com as vestes pontificias, a preparar-se para consagrar uma igreja, assistido do colégio dos cardeais. 7. Chegada a hora da consagração, o santo Pontífice procurou as relíquias para as colocar no altar, como é costume fazer-se. 8. Como os assistentes afirmassem que não tinham qualquer relíquia, viu-se que jazia ali perto um cadáver novo envolto em ligaduras.

9. Ao vê-lo, o Sumo Pontífice disse: «*Trazei estas novas relíquias para colocar no altar*». 10. Mas os assistentes responderam que se tratava dum cadáver e não de relíquias. «*Bem, retorquiu o Pontífice, tirai-lhe o velamento que o encobre para vermos o que*

está escondido dentro». 11. Estes, contra vontade e sem entusiasmo, executaram a ordem e verificaram que o corpo estava absolutamente incorrupto; regozijando-se por terem encontrado tais relíquias, cada um à porfia tirava as que podia.

12. Ao despertar, aquele prelado que tinha sido favorecido com esta revelação disse aos clérigos que lhe assistiam que tal sonho significava a iminente canonização de Santo António.

13. Ele, animado pela graça desta visão, tornou-se, desde então, promotor do processo, afirmando que a glória de Deus e a honra do Santo deviam ser antepostas a qualquer costume.

14. No dia determinado para a solenidade, o Sumo Pontífice, com o consenso unânime dos cardeais e de todos os prelados da Igreja então presentes, inscreveu António no catálogo dos Santos e mandou que a sua festa fosse celebrada no dia do falecimento.

15. Estas cerimónias decorreram na cidade de Espoleto, no ano do Senhor de 1232, no sagrado dia do Pentecostes.

16. Os delegados, regressando a Pádua cheios de alegria, celebraram a sua festa com toda a solenidade, antes de completado um ano após a morte de António.

**II — ALGUNS MILAGRES REALIZADOS GRAÇAS AOS
MÉRITOS DE SANTO ANTÓNIO**

PRÓLOGO

1. A sucessão rápida e gloriosa dos milagres, que começaram a brilhar no mesmo dia da sepultura, impulsionou o processo da canonização e, multiplicando-se no decurso daquele ano, foram aprovados a juízo da Igreja Romana. 2. Para a glorificação do Santo, dezanove pessoas, diversamente deformadas, foram curadas por intervenção divina; cinco paralíticos foram consolidados e outros tantos libertos da disformidade das suas bossas; seis cegos viram a luz; três surdos recobram o ouvido, e igual número de mudos viram solto o freio da língua; finalmente, dois foram libertos de mal epilético, outros tantos de febres e dois mortos foram prodigiosamente ressuscitados.

3. Alguns outros, que não podem ser compreendidos nesta relação sumária e que se realizaram, uns antes da canonização e outros depois, serão referidos um a um nas páginas seguintes.

4. Porque é útil para estimular a devoção narrar mais em pormenor os milagres já referidos em resumo, serão descritos sucintamente, como convém à verdade histórica.

5. Conforme atesta a Escritura, *é grande honra revelar e celebrar as obras de Deus*⁴², e Deus deve ser louvado especialmente nos santos com o mesmo ardor com que Ele os glorifica; 6. por isso, julguei que não devia cobrir com estéril silêncio mas antes, para despertar os corações entorpecidos, descrever brevemente alguns dos muitos milagres, vários dos quais realizados no ano do Senhor de 1293 e que nós pudemos ver com os nossos olhos e tocar com as nossas mãos, os quais foram realizados pelos

⁴² Tb 12,7

méritos do glorioso confessor de Cristo, o bem-aventurado António, cujo nobre corpo é guardado honorificamente pela insigne e magnífica cidade de Pádua.

CAPÍTULO XV

Cura duma monja paralítica

1. No condado de Pádua, no mosteiro de S. Vito, havia uma monja, de nome Sofia, que foi atingida de paralisia do lado direito com tal gravidade que tinha os membros daquele lado trémulos, não conseguindo endireitar a cabeça nem pegar no alimento com a mão nem apoiar os pés no chão por causa do andamento recurvado.

2. Tendo feito humildemente um voto ao bem-aventurado António, certo dia, na antevéspera da festa da Assunção da Virgem gloriosa, estando deitada em atitude lastimosa e lacrimajante diante da sua imagem, apareceu-lhe o Santo, que lhe predisse a desejada cura para antes do termo da oitava da referida festividade.

3. Passados três dias, em conformidade com a promessa do Santo, a monja levantou-se com a saúde primitiva completamente restabelecida e liberta doravante de todo o mal. 4. No dia seguinte, levantando-se de manhã cedo, dirigiu-se apressadamente com algumas monjas à igreja e aí, na presença de muitos frades daquele convento, alegre e reconhecida, contou por ordem tudo quanto o Senhor lhe tinha feito por intermédio do seu servo António. 5. Do acontecimento foram testemunhas muitos religiosos dignos de fé. Todos eles, olhando com fé esclarecida as maravilhas que o Senhor operara pelo seu servo António, enaltecera com magníficos louvores os seus méritos gloriosos.

CAPÍTULO XVI

Daquele que foi salvo do perigo da morte

1. Na cidade de Monopoli, perto do convento dos frades, quando um jovem cavava a terra em profundidade, ocorreu um desmoronamento, que o sepultou mortalmente. 2. Entretanto, sua mãe esperava que o filho voltasse a casa. Passando já da hora em que o filho devia regressar, saiu à procura daquele que há muito tardava.

3. Vendo um menino perto do lugar onde o filho estivera a cavar a terra, a senhora, preocupada, perguntou o que lhe tinha acontecido. O rapaz respondeu: «Está debaixo da terra, que caiu em cima dele». 4. Logo que isto ouviu, a mãe começou a bater na face e a arrancar os cabelos; e, correndo para o convento dos frades, gritava: «Correi, irmãos, correi, que a terra engoliu o meu filho».

5. Ao ouvir os gritos, os frades acorreram com pás e outra ferramenta e começaram a cavar onde a terra tinha caído. Entretanto, a mãe gritava sem cessar: «Santo António, restitui-me o meu filho!» 6. Continuando a cavar, afloraram primeiro os pés do jovem enlivescidos com o peso da terra, depois as nádegas contusas. Outros, ao cavar com as pás, abriram três buracos no barrete que o jovem tinha na cabeça e nem sequer lhe tocaram nela. 7. Puxado da terra, o rapaz estava vivo, embora contundido gravemente.

8. Perguntando os frades de que modo pudera sobreviver debaixo da terra, respondeu: «O bem-aventurado António colocou a sua mão sobre a minha garganta». 9. Ao ouvir esta declaração, os homens presentes renderam os devidos agradecimentos a Deus e ao bem-aventurado António.

CAPÍTULO XVII

Cura de Pedro surdo e mudo

1. Um converso de certas monjas que moravam em Pádua, de cerca de 25 anos de idade, bastante conhecido em muitos mostei-

ros, principalmente nos daquela Ordem e em grande parte da cidade e da diocese, era surdo e mudo desde o nascimento.

2. Ambas as enfermidades podiam ser conhecidas com tal evidência e indícios patentes que no coração de ninguém seria possível gerar-se a suspeição de ficção ou de fraude. 3. Na verdade, a sua língua era demasiado curta e pouco proeminente acima da garganta. Além disso, naquela pequenez estava paralisada e torcida como uma videira. A quem a observasse de perto mostrava-se seca e rugosa, como o referiram muitas matronas nobres e fidedignas que a tinham visto distintamente.

4. A sua surdez foi muitas vezes comprovada, de maneira segura, pelos companheiros. Pois, ao som de não pequenas campainhas que lhe aproximavam dos ouvidos para que não as visse, nem com o movimento da cabeça nem com qualquer outra reacção mostrava que tivesse ouvido alguma coisa. 5. Este facto foi afirmado pelos referidos companheiros na presença do Bispo de Pádua, sendo eu testemunha e muitos outros; e, para maior segurança, prestaram juramento tocando os santos Evangelhos.

6. Como este jovem tivesse passado uma noite com muita devoção debaixo do sarcófago do bem-aventurado António e, prolongando a noite com o dia até à hora de noa, tivesse suplicado com todo o ardor do coração a graça da cura, viu-se envolto subitamente numa força divina e sentiu um grande estremecimento em todo o corpo, tanto na cabeça como nos membros, tendo a sua língua adquirido a dimensão normal e recuperado o dom da fala e do ouvido. 7. Mas, para maior certeza do milagre, ele falava um idioma novo plenamente inteligível, mas que nada tinha a ver com a linguagem comum. Não sabia senão algumas palavras, necessárias para falar, divinamente inspiradas.

8. Perante o resplendor de tão brilhante milagre, os corações dos frades exultam no Senhor e toda a cidade é inundada e cheia de admirável e novo júbilo. 9. Acorrem em grupos as pessoas, os reitores das igrejas, os juizes, os cavaleiros e os doutores. E, como sinal manifesto do que viam naquele homem bem conhecido, para louvor da grandeza de Deus e dos méritos do bem-aventurado

António, começaram a chamar àquele jovem António, a ele que antes tinha o nome de Pedro.

CAPÍTULO XVIII

Cura de Frei Bernardino que sofria da garganta

1. Certo frade da Ordem dos Menores, Bernardino de nome, oriundo de Parma, com dois meses de idade ficou mudo e incapaz de falar. 2. A sua língua e os restantes órgãos necessários à voz estavam de tal modo presos e impedidos que não só não podia falar como nem sequer cuspir e soprar; nem mesmo era capaz de apagar com o sopro uma pequena vela próxima da boca.

3. Os médicos mais experimentados da Lombardia tinham trabalhado com todo o empenho para curar o dito frade; pelo que — coisa espantosa de ouvir! — por nove vezes lhe cauterizaram a garganta com um ferro incandescente e, por último, a cabeça, de tal modo que no momento da cura ainda tinha a cabeça enfaixada.

4. Como nas mãos dos médicos o mal se agravasse e piorasse cada dia que passava, e a garganta, por causa do tratamento e queimaduras, estivesse ofendida por dentro e inchada, a ponto de o frade estar em contínuo perigo de sufocar, recordou-se finalmente o frade do glorioso confessor de Cristo, António, cuja festividade se aproximava.

5. Vindo, pois, a Pádua, aproximou-se devotamente, por duas vezes, do sarcófago do bem-aventurado António; permanecendo ainda mudo, começou a emitir o primeiro sopro e a cuspir. 6. Tendo-se tornado mais devoto e confiante em virtude de receber as primícias da virtude do Santo, orando mais insistentemente com alguns frades que o ajudavam, como podiam, com as suas orações, na presença de muito povo que tinha convergido, tanto em razão da festividade como dos muitos e estrondosos milagres que ocorriam, Frei Bernardino, depois de ter deitado pela boca fora, com dor violenta, uma massa horrenda de pus, recuperou a fala e a perfeita saúde. Irrompendo então em louvores a Deus e ao Santo, entoou em alta voz a antífona da Virgem gloriosa: «*Salve, Rainha de*

misericórdia...». 7. E nós, informados do milagre e repletos de admiração e gozo, acorremos ali à pressa com o Ministro Provincial, que então estava no convento, e com Frei Bernardino concluímos o canto da referida antífona.

CAPÍTULO XIX

Frei Câmbio miraculosamente curado

1. MCCLXIII. Outro frade, de nome Câmbio, da província da Romagna, dirigia-se a Bolonha a um médico famoso, para ser curado duma grave hérnia, que o molestava havia muitos anos.

2. A hérnia era particularmente perigosa porque, tendo ele trazido uma cinta de ferro durante mais de dois anos para impedir o deramamento dos intestinos, estes, não obstante a cinta, tinham descido com tal volume que justamente se temia arrastassem os outros com o seu peso e que por nenhuns recursos da arte humana pudessem ser reconduzidos ao seu lugar.

3. Aconteceu que o frade tomou parte nas sagradas solenidades, durante as quais se efectuaram os referidos milagres e muitos outros. 4. Vendo as obras do poder divino, cheio de fé e devoção, aproximou-se do sarcófago do bem-aventurado António. Mas, porque não pôde penetrar entre as colunas que sustentam o sarcófago, por causa da multidão dos enfermos e do aperto, lançou a mão direita ao mármore, tocou e apalpou ansiosamente o sarcófago. 5. Coisa admirável de dizer: com efeito, tendo retirado imediatamente a mão que tinha tocado o sagrado sarcófago e tendo-a aplicado àquelas bolsas horrivelmente pendentes, ao contacto da mão dotada da eficácia do poder divino, os intestinos começaram subitamente a mover-se e a recolher. 6. Dando-se conta do que se passava, o frade não desistiu, antes, firmando a mão e elevando-a pouco a pouco, conseguiu finalmente levar todos os intestinos aos seus lugares.

7. Seguidamente, comprimindo mais energicamente com a mão o lugar onde se dera a rotura, tornou-se tão resistente por efeito dum admirável poder que, segundo me referiu o mesmo

frade, a sua fronte não era mais sólida do que aquela parte. 8. Tornando-se desde então mais devoto do Santo, conseguiu, com muitas instâncias, fazer parte da Província de Pádua, para o servir mais diligentemente.

CAPÍTULO XX

Martinho livre da perseguição diabólica no ano de 1278

1. No mês de Fevereiro do ano do Senhor de 1278, na diocese de Vicenza, no lugar dito Castener, dois feiticeiros fizeram feitiçarias à cata dum tesouro, na casa do senhor João del Pozzo.

2. Depois de feitas, um criado do senhor João, de nome Martinho, quando os feiticeiros deixaram a casa, entrou e encontrou-a invadida por uma multidão de animais e aves. 3. Entre os animais, distinguam-se três cavalos cornudos como cabrões, que despediam chamas de fogo pela boca e pela cauda; montavam-nos três homens de horrível aspecto, com grandes cajados nas mãos e a face voltada para a cauda dos cavalos.

4. O dito Martinho, ao ter esta visão, ficou deveras aterrorizado, quis fazer na fronte o sinal da cruz mas não pôde. Alguns daqueles animais pisavam-lhe as mãos, pelo que não podia levá-las ao rosto para fazer o sinal da cruz. 5. Então começou a encomendar-se a Deus, à Virgem Maria e ao bem-aventurado António para não morrer esmagado. Saindo de casa, dirigiu-se à Praça da Comuna. 6. Muitos daqueles animais e aves seguiram-no, e na Praça da Comuna, maltratando-o, torciam-lhe a língua, de tal modo que perdeu a fala e imediatamente a vista.

7. Levado a casa do seu senhor, Martinho, privado da fala e da vista, permaneceu enfermo até quarta-feira antes da Ceia do Senhor. 8. Apareceu-lhe o bem-aventurado António, segurando na mão uma cruz luminosíssima; confortou-o e exortou-o a esperar em Deus, pois se tinha encomendado a tal Senhor para o curar do seu mal. 9. Então, pedindo por sinais que o levassem ao sarcófago do bem-aventurado António, transportaram-no numa burra, chegando lá na véspera da Ceia do Senhor.

10. Orando respeitosamente debaixo do sarcófago e implorando a ajuda do bem-aventurado António, por volta da hora de Completas recuperou o uso da fala. No dia seguinte, na Ceia do Senhor, enquanto se cantava a Missa do convento, foi-lhe restituída a vista, e são e salvo voltou a casa do seu senhor. 11. No dia de S. Jorge, pregando os Frades Menores na referida povoação, tanto clérigos como leigos testemunharam ter visto Martinho primeiramente são, depois doente, como se disse, e finalmente restituído à perfeita saúde.